

Os Programas Informativos da Televisão e a Realidade

Edmilson Marques

A partir do final da década de 1920 a sociedade passou a conviver com uma coisa que foi permanentemente se desenvolvendo e chegou aos tempos atuais fazendo parte de nosso dia-a-dia e estando em constante contato com os indivíduos compartilhando o espaço domiciliar e calando-nos para ouvir atentamente àquilo que é apresentado ininterruptamente diante de nossos olhos e ouvidos, ou seja, a televisão. Os aparelhos de TV (“televisores”) foram postos à venda no final da década de 1920; antes disso não foram objetos de muita discussão (1). Como diz Isleide Fontenelle “o encanto das imagens em movimento, agora apreendidas privadamente, foi suficiente para seduzir milhares de pessoas para a frente da telinha” (2). Assim, com seu desenvolvimento vários programas com finalidades e objetivos semelhantemente comuns foram sendo criados e desenvolvidos tecnologicamente para atender a anseios específicos mas com caráter universal. Programa como os infantis, esportivos, novelas, entretenimentos, musicais, etc. Porém, entre tantos programas tem aquele que é encarado como o mais “sério”, segundo Bagdikian “de maior destaque da rede” (3), isto é, os programas de noticiários ou jornalísticos. Essa seriedade pode ser percebida na ação de grande parte dos indivíduos da sociedade, onde, ao iniciar um programa jornalístico, se não pairar um silêncio no ambiente onde se encontra a televisão, logo um indivíduo clama brutalmente por uma atenção ao noticiário. Ao embrutecer diante de tal fato, todos, porém, se calam atentos às novidades que a televisão vem trazer. Esse é um fato interessante de nossa realidade que merece ser analisado. Foi justamente a atenção que a maioria dos indivíduos dão aos programas jornalísticos da televisão que nos levou a discuti-los. Portanto, objetivamos analisá-lo tendo em vista os fatos que transmitem, por serem fatos acontecidos em nossa realidade, reproduzidos e repassados para a sociedade tal qual veio a acontecer, assegurando sua veracidade sob o suporte da neutralidade e imparcialidade.

Quantas vezes já fomos surpreendidos com gritos como: “Silêncio, já vai começar”; ou “olha! Vamos ver o que aconteceu hoje”; fazendo com que a conversa ou debate local seja interrompido e que seja voltada toda a atenção para a telinha da televisão! Rotineiramente isso pode ser presenciado na maioria das particularidades das famílias em nossa sociedade. Os noticiários tomaram certa importância que a idolatria e atenção que os indivíduos dão aos seus fatos tornou-se escandalosamente uma necessidade, acreditando induzidamente que ali está o verdadeiro conhecimento que precisamos absorver. Mais assustador ainda é a consciência formada na sociedade de que os programas jornalísticos da televisão existem em benefício da sociedade como um todo, o que é uma falsa consciência. Discutiremos esse assunto logo à frente.

Antes de prosseguirmos com este assunto, precisamos entender e perceber o contexto em que acontece o relacionamento entre sociedade e televisão, mais especificamente, entre o indivíduo e os programas jornalísticos. Pois o entendimento do funcionamento da realidade em que vivemos nos oportunizará entender melhor sobre o assunto aqui discutido. Fazendo jus ao título do texto, discutiremos aqui sobre a realidade utilizada no título.

A realidade que referimos anteriormente é a realidade abarcada pelo estado capitalista; para não dar a impressão de ser uma coisa distante de nós, e assim contribuir para que o mesmo seja percebido e tão logo “transformado”, é bom que tenhamos a

percepção de que o estado que governa atualmente, presente no mundo contemporâneo, é o estado capitalista. É ele que vai direcionar toda e qualquer relação que os indivíduos vierem a ter dentro da sociedade, pelo simples motivo que ele é o estado que atua sob a sociedade na defesa de interesses específicos amparado e sustentado pela ótica abstrata de existir em função de toda a sociedade, ou seja, concretamente, ele “nada mais é do que um comitê para administrar os negócios comuns de toda a classe burguesa” (4). Dessa forma, a realidade na qual estamos inseridos é caracterizada pela existência de classes antagônicas que lutam entre si (classe proletária e classe dominante ou burguesia). Essa luta constante acontece pelo ensejo da dinâmica e forma de organização do capitalismo o qual beneficia apenas a burguesia e oprime a classe proletária a trabalhar em benefício dela.

Contudo, para haver um consenso entre dominantes e dominados, o estado, defensor dos anseios da burguesia, inculca na consciência dos indivíduos, através das instituições [escolas, meios de comunicação de massa (televisão, rádio, jornal, etc.) igrejas, etc], a naturalidade da realidade, ocultando-a e reproduzindo-a constantemente. Ideologicamente, afirma-se que o trabalho (5) dignifica o homem e esse deve ser conseguido pelo esforço e capacidade do próprio indivíduo sem maior interferência de outros, ou seja, a idéia individualista da felicidade conquistada. Nesse sentido, Karl Marx afirma que “os indivíduos procuram apenas o seu interesse particular, o qual para eles não coincide com o seu interesse comunitário” (6), o que quer dizer que o estado reproduz constantemente a idéia de que o bem estar está na posse acumulativa do capital dinheiro. Inculcado esta consciência nos indivíduos, nada mais natural do que os próprios indivíduos tomarem para si esta consciência e defendê-la como se fosse sua. Essa é a simples demonstração da ideologia burguesa, a qual é reproduzida como sendo uma idéia universal e de natureza ontológica de todo o mundo. Essa é a realidade em que vivemos.

Portanto, o que estamos tentando expressar é que vivemos numa realidade que é oculta frente aos nossos olhos. A sua essência é dificultada de ser percebida, pois, a classe dominante nos impede de percebê-la. Há uma lógica concreta na relação que mantemos rotineiramente com a televisão. Os programas são tecnológica e milimetricamente produzidos para manipularem a consciência dos indivíduos de forma que aceitemos essa mesma realidade sem ter o conhecimento de uma saída concreta para o sofrimento existente na realidade; e isso é feito sem que percebamos que estamos sendo manipulados e muito menos dominados por essa coisa. Há quem diga que “a televisão nos últimos tempos está realmente com uma baixa qualidade”, mas há uma maioria esmagadora que diz que “a televisão é boa e nos ajuda a viver”. Dizer isso ou aquilo da televisão não é o caso. É preciso que levantemos as questões reais desta coisa. Que entendamos realmente o que se passa por detrás dos programas jornalísticos.

Tomando então as especificidades dos programas jornalísticos, podemos descrever alguns fatos como a capacidade técnica de convencimento ao público que os profissionais da área jornalísticas possuem. O discurso utilizado por eles está tão bem articulado que faz com que o telespectador encare aquelas notícias como fatos realmente sérios, que em sua maioria, realmente tem um perfil cordato (7), mas que não diz concretamente o que ele representa. Ou seja, a dimensão imagética vai muito além do sentido puramente visual, tornando-se uma “ilusão de forma” (8). Vejamos: a violência tem um lugar especial nestes programas já que é um assunto que a mídia, principalmente, trata como se fosse um fator correspondente da natureza humana. A televisão, via programas jornalísticos, age como se fosse uma defensora da sociedade fazendo com que as autoridades por intermédio do estado busquem meios de solucionar tais distúrbios. Portanto, buscar no estado a cura do problema da violência é justificar a

própria violência, ou seja, é aceitar que ela continue existindo. A questão é que a violência nasce da opressão que o capitalismo impõe à sociedade. Ele como causador de uma violência social, induz os indivíduos a praticarem tal ato. Atuando através da violência, nada mais natural do que termos indivíduos violentos. Então questionamos. Como pode um causador de violência acabar com a própria violência? Algum programa jornalístico, porém, já tratou da violência nesta ótica? A televisão não ousa em falar negativamente do capitalismo, pois ela existe para a defesa dele, e expô-lo seria um suicídio.

Podemos perceber que o jornalismo faz apenas descrições dos fatos da realidade tal qual acontecem sem levantar maiores questões, ou seja, “o que percebemos nos noticiários jornalísticos são representações da realidade e não esta, e esse fato certamente tem de causar um impacto em nós” (9). Utilizam da imparcialidade, isto é, transmitem o fato da forma que aconteceu sem deixar com que a sua subjetividade interfira no fato. Vejamos mais detalhadamente a questão da imparcialidade para entendermos melhor essa coisa: peguemos como exemplo um juiz de uma luta de boxe, o qual não pode interferir na luta senão na aplicação das regras do jogo, ou seja, ele deve ser imparcial e não pode ajudar nem um, nem outro, deixando que a luta prossiga, se tiver de acordo com as regras, até que se tenha um vencedor. Portanto, quem sairá ganhador da luta com a imparcialidade do juiz? Naturalmente que aquele que está mais treinado, possui a melhor técnica, as melhores condições de luta, de resistência, e dependendo do nível do lutador a maior força, ou seja, vence o mais forte. Agora peguemos essa imparcialidade e apliquemos na realidade onde de um lado está a classe proletária, que são os dominados, e de outro a burguesia que são os dominantes que tem o estado como um instrumento de sua defesa. Portanto, podemos concluir que se utilizarmos da neutralidade, para analisar um fator da realidade, estaremos concordando com a desigualdade e com a permanência desta mesma realidade (a realidade da violência, da corrupção, das guerras, da fome etc, da luta de classes). Essa é a verdadeira face do programas jornalísticos, ou seja, a imparcialidade da qual pensam utilizar é tão somente uma abstração, uma ilusão, e ao invés de imparciais são parciais. Portanto, a imparcialidade é inexistente e este discurso é uma forma que utilizam em defesa da classe dominante de forma que sua parcialidade não seja percebida, pois, não fazendo nenhuma referência crítica ao causador de tais atritos e delitos acontecidos na realidade, dificulta a ação da maioria dos indivíduos, de buscarem a solução real de tais problemas. Fazendo isso abstrai da sociedade a possibilidade de percepção desta mesma realidade.

A capacidade que os locutores e apresentadores têm de manipular o ouvinte começa já nos bancos das universidades. Atualmente conta-se com variados cursos de jornalismo onde ensinam as técnicas mais avançadas da arte jornalística. Dali saem profissionais bem treinados direto para as telas da televisão. Descrever e contar os fatos que acontecem na realidade de forma fantasiosa e com técnicas que atinja o ego do ouvinte faz com que o fato se torne mais atraente, mesmo que seja de morte ou de guerra. A importância está no sentido de tornar a notícia atraente e que o telespectador se sinta atraído por tal notícia. Segundo Philippe Breton, é “preciso que critérios retóricos extra-argumentativos como a sedução, a estética ou a manipulação das consciências intervêm de uma maneira necessária” (10). Assim, inconscientemente o indivíduo que está do outro lado das câmeras, ou seja, em frente à televisão, torna-se uma estátua tomado por um sentimento de surpresa e de curiosidade sendo atraído por ela. Quando o assunto é morte, seqüestro, guerra, ou coisa parecida, os programas jornalísticos criam ainda um suspense sob tal “notícia”. Portanto, para que o ouvinte já atraído fique preso à televisão utilizam algumas técnicas, como deixar a notícia para o

fim do programa, ou mesmo, guardam-na para depois que as propagandas sejam transmitidas, o que rende ainda um lucro para os comerciantes e para a própria emissora. Então, depois de transmitida a “informação” percebemos que não passa de mais uma “informação”, mais um fato que se assemelha com os demais fatos que presenciamos no dia-a-dia de nossas vidas.

Portanto, os programas jornalísticos escondem a essência da realidade em que vivemos mostrando-a superficialmente. Nesse sentido diz Daniel Bounoux que “a comunicação impede uma informação verdadeira”(11). Ela, a comunicação, neste caso os programas jornalísticos, não aprofunda, mais consistentemente, sobre as contradições existentes em tal realidade, as contradições do sistema capitalista, e discute ou reproduz apenas as conseqüências advindas da sua existência. Não mostrando o causador ou articulador da realidade oculta-se a realidade da sociedade e os indivíduos passam a viver em uma profunda confusão, sem entender realmente o que está acontecendo em sua volta. Essa é a função do jornalismo da TV, isto é, ocultar a realidade na qual vivemos. De acordo com Bourdieu:

A televisão pode, paradoxalmente, ocultar mostrando, mostrando uma coisa diferente do que seria preciso mostrar caso se fizesse o que supostamente se faz, isto é, informar; ou ainda mostrando o que é preciso mostrar, mas de tal maneira que não é mostrado ou se torna insignificante, ou construindo-o de tal maneira que adquire um sentido que não corresponde absolutamente à realidade (12).

Portanto, o jornalismo da TV defende os interesses da classe dominante e não da classe dominada. A essência da comunicação de massa, como agora a conhecemos, é que comunicadores profissionais operam a mídia visando o lucro (13). Para isso, reproduzem diariamente a visão burguesa do mundo manipulando-nos a aceitar essa mesma realidade que contradiz todas as formas de vida almejada pela classe proletária. De acordo com DeFleur e Ball-Rokeach o conhecimento “acerca de algum aspecto de nosso ambiente fornece a base para o como a gente age em relação a ele” (14). Nesse sentido, os indivíduos tornam-se pautados de agirem para a transformação de sua realidade já que a informação que lhes são repassadas não dizem nada sobre a realidade na qual vivem. Portanto, é preciso ter cuidado ao parar para ouvir uma notícia ou mesmo para assistir a um noticiário. As informações que nos passam de nada nos ajuda a compreender o mundo em que vivemos. Isso é estarrecedor e é por isso que estamos discutindo sobre eles. Negá-los é negar a própria realidade. É ir em busca de novas informações. É poder se oportunizar de ver a realidade com seus próprios olhos sem ser preciso que seja mostrada por alguém.

Portanto, finalizamos este pequeno ensaio declarando ao leitor que a crítica aqui realizada aos programas jornalísticos da TV, não limita-se à simples crítica do jornalismo em si mesmo. Almejamos contribuir para a efetivação de uma consciência realmente esclarecida sobre os fatos que permeiam estes programas. A conseqüência da atenção fiel a eles reflete diretamente na realidade concreta, no real. Eles reproduzem a infernal relação social que vivemos todos os dias. Não fazem nada mais do que garantir a permanência das contradições existentes. O jornalismo, portanto, é apenas um dos fatores da TV que legitima a forma contraditória de existência do sistema capitalista. Esse, por sua vez, necessita desses meios televisivos assim como de outros meios de comunicação de massa, além dos vários outros órgãos do estado, para continuar se legitimando. A crítica aqui realizada remete à busca de uma transformação; à liberdade realmente concretizada, e não formalmente legalizada. Almejamos a efetiva libertação.

Notas

- 1- BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004, pág. 180.
- 2 - FONTENELLE, Isleide Arruda. *O Nome da Marca: McDonald's, Fetichismo e Cultura Descartável*. São Paulo, Boitempo, 2002, pág. 231.
- 3 - BAGDIKIAN, Bem H. *O Monopólio da Mídia*. São Paulo, Páginas Abertas, 1993, pág. 45.
- 4 - MARX, Karl. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo, Martin Claret, 2003, pág. 47.
- 5 - O trabalho o qual referimos é o trabalho assalariado, onde o trabalhador é submetido às ordens do patrão e cuja produção não lhe pertence. Ou seja, ele não produz para si e sim para o outro, é o que se denomina trabalho alienado.
- 6 - MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. São Paulo, Centauro, 2002, pág. 38.
- 7 - A seriedade referida é no sentido que a realidade da sociedade demonstrada pelos programas de noticiários é a nua e crua situação das classes oprimidas, que é um fator revoltante e sério, mas que é demonstrada parceladamente sem fazer referência ao causador de tais situações, o sistema capitalista.
- 8 - FONTENELLE, Isleide Arruda. *O Nome da Marca: McDonald's, Fetichismo e Cultura Descartável*. São Paulo, Boitempo, 2002, pág. 289.
- 9 - DEFLEUR, Melvin L. & BALL-ROKEACH, Sandra. *Teorias da Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro, Zahar, 1993, Pág. 277.
- 10 - BRETON, Philippe. *A Argumentação na Comunicação*. Bauru, EDUSC, 2003, pág. 71.
- 11 - BOUGNOUX, Daniel. *Introdução às Ciências da Comunicação*. São Paulo, EDUSC, 1999, pág. 143.
- 12 - BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997, pág. 24.
- 13 - DEFLEUR, Melvin L. & BALL-ROKEACH, Sandra. *Teorias da Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993, pág. 355.
- 14 - DEFLEUR, Melvin L. & BALL-ROKEACH, Sandra. *Teorias da Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993, pág. 254.

Bibliografia

- BAGDIKIAN, Bem H. *O Monopólio da Mídia*. São Paulo, Páginas Abertas, 1993.
- BOUGNOUX, Daniel. *Introdução às Ciências da Comunicação*. São Paulo, EDUSC, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997, pág. 24.
- BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004.
- BRETON, Philippe. *A Argumentação na Comunicação*. Bauru, EDUSC, 2003.
- DEFLEUR, Melvin L. & BALL-ROKEACH, Sandra. *Teorias da Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.
- FONTENELLE, Isleide Arruda. *O Nome da Marca: McDonald's, Fetichismo e Cultura Descartável*. São Paulo, Boitempo, 2002.
- MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. São Paulo, Centauro, 2002.
- MARX, Karl. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo, Martin Claret, 2003.

Edmilson Marques

Graduado em História/UEG – Universidade
Estadual de Goiás; Especialista em Ciência
Política/UEG.